

JORNALISMO DE GUERRA E OS EFEITOS DISCURSIVOS DA TECNOLOGIA NA INFORMAÇÃO

Isabella Rigolin Mengelle Bianchi¹

João Flávio de Almeida²

Luciano Bezerra Da Silva Filho³

RESUMO

A cobertura da Segunda Guerra Mundial foi um marco não só para a história da humanidade, mas também para a história do jornalismo de guerra. Na época, durante a cobertura, o leitor precisava esperar a manhã seguinte para pegar o jornal do dia e se atualizar com notícias que chegavam ultrapassadas por conta das limitações tecnológicas. A presente pesquisa buscou utilizar teorias e fundamentos da Análise do Discurso, como os conceitos de memória discursiva e sujeito discursivo, para compreender os efeitos da tecnologia na memória discursiva no contexto da Segunda Guerra, identificando as particularidades no relacionamento entre o consumidor e as notícias. A utilizada metodologia foi a de pesquisa exploratória-qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica, seguida de análise documental de notícias da coluna de guerra do extinto Diário de São Paulo, publicadas entre os anos de 1939 e 1943. Por fim, uma entrevista com um membro da família do dono do caderno de guerra, onde se obteve as notícias selecionadas. O resultado mostrou que a relação entre consumidor e texto é muito afetada pelo caminho que percorrem, mas também a relação do leitor com a guerra é afetada pela forma como ele se informa sobre ela.

Palavras chave: Análise do Discurso; Memória Discursiva; Pêcheux; Segunda Guerra Mundial.

¹ Bacharel em jornalismo pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP).

² Pós-doutor pela USP de Ribeirão Preto (2019-2020), Doutor pelo programa de pós-graduação em "Sociedade, Ciência e Tecnologia", UFSCar (2015-2018), Mestre pelo programa de pós-graduação em "Sociedade, Ciência e Tecnologia", UFSCar (2012-2013), Coordenador do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP).

³ Pós-graduando em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia pela PUCRS, bacharel em jornalismo pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP).

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em utilizar as teorias e fundamentos da Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa, mais especificamente de Michel Pêcheux (1969), para analisar os efeitos da tecnologia na memória discursiva, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

A cobertura do conflito foi um marco na história do jornalismo de guerra, pois por meio dela, foi registrado e eternizado um dos maiores genocídios já vistos pela humanidade. A respeito da construção da narrativa jornalística na Segunda Guerra, Carvalho (2013) diz:

(...) durante a Segunda Guerra, o processo voltou a repetir-se, com os jornais e rádios a serviço de um propósito propagandista nacional, ocultando e distorcendo os fatos, e ao publicar histórias que tomaram o lugar da realidade. Ainda que durante a Segunda Guerra as pressões tenham sido menores e o número de correspondentes tenha aumentado, era necessário consultar tanto a imprensa do lado Aliado, como do lado do Eixo, para se encontrar um “meio-termo” que mostrasse um pouco da verdade. O problema maior, no entanto, eram os próprios correspondentes, que sabiam bem que estavam a ser utilizados para uma campanha de propaganda nacional e, ainda sim, desistiam de lutar (CARVALHO, 2013, p. 16).

Durante o conflito, era necessário esperar o jornal do dia seguinte para atualizar os últimos acontecimentos, que por sua vez, eram ultrapassados por conta das limitações tecnológicas. O correspondente de guerra, no século XX, precisava estar em campo, produzir o material e enviar para a redação antes que ele pudesse ser distribuído aos leitores. Nos dias de hoje, bombardeios ou invasões podem ser transmitidos ao vivo para milhares de pessoas.

Essa diferença no processo de busca ou recepção da informação, por parte do consumidor, afeta a relação que ele cria com a notícia e, consequentemente, com a guerra em si. É essencial, portanto, que o jornalista compreenda de forma mais profunda essa relação, assim como é importante que o público entenda e analise sua forma de consumir notícias sobre o tema.

Assim, buscou-se examinar, sob a ótica das teorias da AD, a memória do consumidor de notícias da Segunda Guerra Mundial, publicadas na coluna de

guerra do extinto Diário de São Paulo entre os anos de 1939 e 1943. O trabalho se propôs a analisar os efeitos da memória discursiva no leitor dentro do contexto histórico em que ele se insere, fazendo também uma valoração da notícia como texto dentro dos veículos em que ela foi publicada.

A metodologia utilizada para o presente trabalho consistiu em uma pesquisa exploratória-qualitativa, baseada em revisão bibliográfica que foi, posteriormente, contrastada com entrevista e análise de documentos e conteúdos referentes a guerra.

2 CONCEITOS E TEORIAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

As proposições levantadas por Pêcheux vão na contramão dos pensamentos defendidos por Noam Chomsky, que por sua vez, defendia o valor biológico da linguagem e ocupava a maior parte dos estudos linguísticos da década de 1960. No mesmo período, o pensamento estruturalista de Ferdinand de Saussure dominava a maioria das teorias a respeito da comunicação. Nos anos 1950, a Linguística Estrutural já exercia forte influência sobre vários campos do saber que faziam uso de seus métodos e conceitos, como a antropologia de Lévi-Strauss, a psicanálise de Lacan e a semiologia de Barthes. A Linguística era, portanto, tida como a grande norteadora das ciências sociais. Nas palavras de Paul Garvin (1964):

O estruturalismo não é uma teoria nem um método; é um ponto de vista epistemológico. Parte da observação de que todo conceito num dado sistema é determinado por todos os outros conceitos do mesmo sistema, e nada significa por si próprio. Só se torna inequívoco, quando integrado no sistema, na estrutura de que faz parte e onde tem um lugar definido. (GARVIN, 1964, p. 8)

Nessa época, foi presenciado a transformação da “filosofia da experiência, do sentido e do sujeito” para “a filosofia do saber, da racionalidade e do conceito”, que estava, até aquele momento, concentrada nas ciências exatas e

biológicas, começando a se voltar para as ciências humanas (NARZETTI, 2008, p. 25).

Foi a partir dos problemas desta época e das alternativas que eles ofereciam, que Pêcheux começou a esboçar o projeto de uma Análise do Discurso, que buscava expandir o cerne das discussões linguísticas, de modo que abarcassem outros fatores não incluídos nos sistemas linguísticos propostos pelo estruturalismo, como a ideologia. O pensamento de Pêcheux se baseava em estudos prévios de Althusser, que estabeleciam intersecções entre a linguagem, as ciências humanas e a ideologia, com o objetivo de compreender a materialidade histórica da língua.

Contudo, a AD pêcheuxtiana ia além, compreendendo o discurso também dentro de uma materialidade ideológica. Sua teoria não se deu de forma integral já em seu nascedouro, mas desenvolveu-se passando por três fases², como o próprio autor evidenciou no texto "*Analyse de Discours: trois époques* (1983)".

O ponto crucial das transformações na teoria pêcheuxtiana foi o conceito de "Formações Discursivas", que partiu de uma posição estável, na AD1, para uma relação entre Formações Discursivas que se invadem umas às outras a todo o tempo, evidenciando repetições (paráfrases) e diferenças (polissemias) nestas relações, já na AD2. Em seu terceiro período (AD3) fica marcada pela preocupação de Pêcheux em considerar na análise os feixes interdiscursivos que ora se entrecruzam, ora se conjugam e ora se apartam.

Este tipo de análise evidencia falhas na língua e equívocos do sujeito. No entanto, também evidencia "o encontro entre um espaço de interlocução, um espaço de memória e uma rede de questões" (PÊCHEUX, 1993, p. 318). O método de análise discursiva, tal como aponta o próprio Pêcheux, deve ocorrer em espiral, associando cruzamentos e fragmentações de séries textuais,

² A serem referenciadas, no decorrer do trabalho, como AD1 (primeira fase); AD2 (segunda fase) e AD3 (terceira fase).

levando em consideração as construções das questões, as estruturações de redes de memórias e as produções da escrita (MUTTI, 2003).

Para tanto, Pêcheux salientava a importância da análise do próprio gesto de interpretação, uma vez que este é, afinal, capaz de fazer intervenções no processo de análise (PÊCHEUX, 1993). Neste percurso teórico da Análise do Discurso (AD1, AD2 e AD3), fica evidente que mesmo Pêcheux não concordava com a ideia de uma "ciência régia" estabilizada, tal como ele mesmo apontou em "*Le discours: structure ou événement?*" (PÊCHEUX, 1990).

Seguindo este raciocínio, logo, não se pode negar que um sujeito sempre formulará uma teoria, inserido em um discurso científico-acadêmico específico, datado espacialmente e historicamente. Sua leitura, evolução e apropriação, necessariamente implicam na produção de novos sentidos segundo suas condições de produção, uma vez que os campos de conhecimentos não são fixos.

Segundo Maria do Rosário Gregolin (1995), ao se tratar de análise do discurso sobre a ótica pêcheuxtiana:

[...] estaremos inevitavelmente diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou. A análise vai procurar colocar em relação o campo da língua (suscetível de ser estudada pela Lingüística) e o campo da sociedade (apreendida pela história e pela ideologia). (GREGOLIN, 1995, p. 17)

A análise do discurso para Pêcheux procura relacionar as particularidades linguísticas e narrativas junto à compreensão ideológica e histórica do sujeito, de forma a captar todas as camadas comunicativas do texto como parte da compreensão do significado final dele.

2.1 O QUE É DISCURSO

Pode-se dizer que os discursos são redes de sentidos que antecedem e fundamentam toda tomada da palavra. Quando uma palavra qualquer é usada,

ou um texto, seja ele oral, verbal ou imagético, o discurso é atualizado e materializado, deixando de ser um discurso virtual e passando a ser um discurso real. Pode-se dizer, portanto, que o momento da fala é o momento em que o discurso se materializa.

Assim, para Pêcheux, o sentido de um enunciado não brota do seio do próprio texto, mas sim de um complexo universo que circunda o sujeito e o discurso. Portanto, a Análise do Discurso Francesa³ se interessa por tudo que conecta sujeito e texto, pelo máximo de informações que estiverem ao alcance do analista durante a busca por um sentido que, afinal, se apresentará sempre em movimento. Segundo Eni Orlandi (2005):

A noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem. Como sabemos, esse esquema elementar se constitui de: emissor, receptor, código, referente e mensagem. Temos então que: o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade – o referente. (ORLANDI, 2005, p. 20-21)

Além da mensagem e do código que faz com que ela seja compreendida pelo receptor, o emissor também passa a ter importância quando o discurso começa a ser explorado, bem como os fatores psicológicos, sociais, ideológicos e pessoais que fazem com que o emissor seja quem ele é, e principalmente, fale da forma como fala. Não obstante, os mesmos aspectos também serão essenciais para implicar novos significados ao discurso por parte do receptor.

A Análise do Discurso reflete sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975): não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2005, p. 16)

³ A ser referenciada, no decorrer do trabalho, como ADF.

Assim, a AD procura entender a língua fazendo sentido, um complexo movimento que envolve o trabalho simbólico, o trabalho social e a constituição do sujeito, tudo isto a partir da historicidade e da ideologia que circunscreve esta relação. (ORLANDI, 2001)

A constituição do sujeito emissor enquanto pessoa, passa a atribuir significado ao discurso, assim como o receptor da mensagem também implica suas particularidades e ideologias ao decodificar o texto. Para Maria do Rosário Gregolin (1995):

Esses recursos do nível discursivo têm como objetivo estabelecer a relação entre o enunciador do texto e o enunciatário, permitindo a interpretação por meio de marcas espalhadas no texto. Essas marcas conduzem o leitor a perceber a orientação argumentativa e as relações entre o texto e o contexto em que foi produzido. Entendemos, portanto, discurso como um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu. (GREGOLIN, 1995, p. 17)

Compreende-se, portanto, que o contexto social e histórico em que um texto é produzido, inevitavelmente deixa marcas discursivas, que são essenciais para que o leitor consiga interpretar a mensagem de forma integral à sua maneira.

Analiticamente, a transformação do conceito de texto em discurso se dá quando todas as escolhas gramaticais, de vocabulário e literárias, trazem em si mensagens próprias e completas, que enriquecem a narrativa e fazem com que novas camadas de interpretação sejam adicionadas. Essas novas camadas, necessárias para a compreensão do sentido da mensagem, serão necessariamente influenciadas pela bagagem histórica, social e ideológica tanto de quem emite quanto de quem recebe a mensagem.

O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso gerativo do sentido, o mais próximo da manifestação textual. As estruturas narrativas convertem-se em discurso quando assumidas pelo sujeito da enunciação: ele faz uma série de ‘escolhas’, de pessoa, de espaço, de tempo e de figuras, contando a história a partir de um determinado ‘ponto de vista’. A narrativa é, assim, ‘enriquecida’ com essas opções do sujeito da enunciação. (GREGOLIN, 1995, p. 16)

Outro ponto importante que a AD leva em consideração ao delimitar o discurso a ser analisado é a ausência de um texto. Gregolin (2005) também considera que, dentro das estratégias discursivas, a não-existência de uma palavra, de forma expressa, também atribui um significado essencial para que a mensagem seja compreendida.

Essa compreensão esclarece que o não-dito também agrega significados subjetivos, que podem ser utilizados para a compreensão final do leitor. Dentro do contexto jornalístico:

O discurso jornalístico caracteriza-se, ainda, pela utilização de imagens que, pelo seu caráter 'icônico', não deixam espaço para a refutação. Essa 'ilusão de realidade' pode ser construída em todos os sistemas semióticos como a pintura (perspectiva, ocupação do espaço, ancoragem histórica), o filme (focalização e posicionamento da câmera), o teatro (jogos de luz, utilização do palco). (GREGOLIN, 1995, p. 19)

O discurso não é, portanto, um texto a ser atravessado em busca de uma mensagem, de um sentido, mas uma composição de histórias, sujeitos e ideais que se completam através de processos constituintes contínuos, já que determinados pontos podem convergir para a construção de um novo olhar sobre o mundo. O discurso tem sua regularidade a partir das relações sociais e históricas; sistema linguístico e realização; subjetividade e objetividade e, por fim, processo e produto.

2.2 MEMÓRIA DISCURSIVA

Partindo do princípio de que o discurso é composto por camadas explícitas e intrínsecas dotadas de significados próprios e complementares que estão em constante transformação, é necessário pensar de que forma essas camadas e significados se relacionam.

A memória é, em Pêcheux, um conceito caro. Fala-se de uma memória discursiva, de um "já dito antes" que torna possível "meu dizer agora",

ou seja, que sustenta o dizível no qual escolho palavra por palavra, sentido por sentido (ACHARD, 1999), colocando-os em uma relação que explicita a identidade. É a memória que disponibiliza os dizeres possíveis, o que evidencia que cada dizer em verdade não é de propriedade particular, as palavras não são nossas, no entanto assumimos o importante papel de organizadores de dizeres (ORLANDI, 2005).

A memória discursiva remonta a um eterno já dito, uma tensão contraditória no processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória que se caracteriza de duas formas: a) certos acontecimentos que escapam à inscrição na memória; b) certos acontecimentos que são absorvidos na memória, esquecidos, como se não tivessem ocorrido (ACHARD, 1999).

Só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, ou seja, ninguém tem acesso à totalidade da memória, no entanto, mesmo o que ele não diz está trabalhando na significação de suas palavras. A isto, Pêcheux chama "esquecimentos", que por sua vez se dão de duas formas: esquecimento ideológico e esquecimento enunciativo, chamados de esquecimentos um e dois.

O primeiro esquecimento, o ideológico, é também chamado de sonho adâmico, o Adão que primeiro deu nome às coisas. Uma ilusão de que o sujeito disse o que quis dizer e de que ele é a origem do que fala, quando na verdade, os discursos já estavam em processos de desenvolvimento anteriores à chegada de quem o interpreta.

O segundo esquecimento acontece na enunciação. A cada frase falada, uma infinidade de frases não faladas acontece ao mesmo tempo numa enorme rede de paráfrases, o que indica que cada dizer poderia sempre ser outro (PÊCHEUX; FUCHS, 1997). Em verdade, nenhuma paráfrase pode dizer o mesmo. Há sempre a impressão, um esquecimento, de que o que foi dito só poderia ter sido dito daquele jeito, uma estabilização forçada pelas vias da ideologia, que silencia as derivas: os universos logicamente estabilizados (PÊCHEUX, 2008). Os sentidos de um discurso surgem da relação entre aquilo que está sendo dito no texto analisado, e tudo aquilo que já foi dito antes, e surge

efeito na interpretação de quem está fazendo a análise. Ainda segundo Orlandi (2005):

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. (ORLANDI, 2005, p. 31)

Compreende-se, portanto, o interdiscurso como a constituição de um discurso em relação a outro, independente do primeiro, e que atrela a memória à interpretação do que está sendo dito, abrindo espaço para redefinições, novas ligações e um novo significado ao discurso que é lido pelo analista.

Não atravessamos o texto para extrair, atrás dele, um conteúdo. Paramos em sua materialidade discursiva para compreender como os sentidos – e os sujeitos – nele se constituem e a seus interlocutores, como efeitos de sentidos filiados a redes de significação. É a isso que referimos quando dizemos que na Análise Linguística e na Análise de Conteúdo se trabalha com produtos e na Análise de Discurso com processos de constituição (dos sujeitos e dos sentidos). (ORLANDI, 2005, p. 89)

Dentro da teoria pêcheuxtiana, a memória do sujeito impõe desejos de materialidade, ou seja, o novo acontecimento discursivo possui capacidade de acionar a memória, fazendo com que o acontecimento se desloque no tempo e traga novos significados que, por sua vez, adicionam novas camadas interpretativas para aquele determinado acontecimento. Para Regina Mutti (2007):

(...) na atividade de reconstituição do acontecimento pela memória, o sujeito mobiliza implícitos, sentidos pré-construídos que tendem a reforçar a regularização, pois surtem o efeito de já-lá; no entanto, se desestabilizam pelo sujeito que os resgata na sua enunciação, sempre única (MUTTI, 2007, p. 266).

Ainda, a memória discursiva busca a impressão de sentimentos e significados subjetivos, e se reconstrói através da verossimilhança entre o que é discursado e o que é acionado pelo discurso. Ainda segundo Pêcheux (1999): “A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como

acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Compreende-se que a memória discursiva é um fator móvel e inconstante, responsável por fazer com que o discurso esteja, ao mesmo tempo, pronto ao ser escrito e inacabado ao ser interpretado.

2.3 SUJEITO DISCURSIVO

Enquanto a memória discursiva está relacionada às particularidades ideológicas e experiências passadas do sujeito, o sujeito discursivo se relaciona com as representações sociais. “O sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado grupo social e que são configuradas como imaginários sócio-discursivos”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 117)

O discurso produzido por um sujeito, implica um destinatário que, por sua vez, se encontra em determinado lugar na estrutura de uma Formação Social⁴. Este lugar é suposto, no seio do discurso, pelas Formações Imaginárias⁵, que assinalam o lugar que cada um, sujeito e destinatário, se atribuem reciprocamente. Em outras palavras, as F.imgs. são os juízos que cada sujeito faz de seu próprio lugar e do lugar do outro (PÊCHEUX; FUCHS, 1997).

Para entender melhor o discurso sobre o “novo” e a obsolescência, é preciso entender como a mídia fala, de que lugar, que lugar atribui ao outro, quais FIs trabalham, como trabalha cada FD da FI do consumo, as paráfrases, falhas, materialidades, condições históricas de produção e os silenciamentos,

⁴ Denominadas, a partir de agora, como F.S.

⁵ Chamadas F.imgs.

além de buscar entender os efeitos polissêmicos que permitem derivas criativas que compõem cada discurso.

Como já visto, o sujeito na AD é o sujeito do discurso. Em outras palavras, a própria constituição do sujeito se dá em relação ao social materializado no discurso, logo, o sujeito discursivo carrega marcas sociais, ideológicas e históricas.

Pêcheux então insere o conceito de “posição-sujeito”, que, segundo ele, é relação de identificação entre o sujeito do saber e o sujeito enunciador, ou ainda, o instante em que o sujeito do saber fala. Diferentes indivíduos, relacionando-se com o sujeito de saber de uma mesma FD, constituem-se sujeitos ideológicos que podem ocupar uma mesma ou diferentes posições (GRIGOLETTO, 2005).

Na Análise do Discurso, o sujeito não é fonte do sentido. Este se dá num trabalho de redes de memórias, diferentes em cada formação discursiva, constituindo assim diferentes posições-sujeito, “resultado das contradições, dispersões, descontinuidades, lacunas, pré-construídas, presentes nesse discurso” (GRIGOLETTO, 2005, p. 3).

Este conceito de lugar discursivo tem íntima relação com o conceito de formações imaginárias (PÊCHEUX; FUCHS, 1997), ao dizer que, afinal, a posição que supostamente ocupa um sujeito é imaginária, bem como a que ele atribuirá ao seu interlocutor e vice-versa. Sobre esta passagem do lugar social (empírico) para o lugar discursivo (sujeito do discurso), Grigoletto afirma:

Na passagem para o espaço teórico, no nosso caso, para o espaço discursivo, o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social e ideológica, que está afetada pelas relações de poder, vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica. (GRIGOLETTO, 2005, p. 5)

A melhor forma de compreender os conceitos relacionados à Análise do Discurso se dá através da aplicação prática deles. No próximo capítulo, serão analisados conteúdos jornalísticos referentes à Segunda Guerra Mundial, que contou com tecnologias diferentes das atuais.

3 ANÁLISE DE CONTEÚDOS: Diário de São Paulo

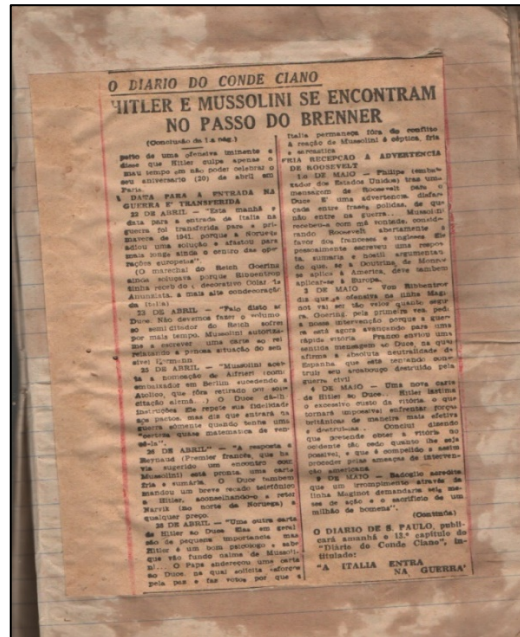
O Diário de S. Paulo (DSP) foi um jornal impresso brasileiro de circulação regional, entre os anos de 1929 e 1979. Fazia parte do conglomerado dos Diários Associados, fundado pelo jornalista Assis Chateaubriand em 1924. O projeto idealizado por ele se destacava pelo investimento em tecnologia e profissionais capazes de consolidar o grupo como referência em jornalismo.

O Diário de S. Paulo foi o responsável pela publicação, na década de 1940, do chamado ‘Diário do Conde Ciano’, dividido em capítulos que eram lançados separadamente a cada edição. O diário, segundo informações veiculadas no jornal, foi escrito pelo Conde Galeazzo Ciano, genro de Benito Mussolini, dias antes de sua execução, em 11 de Janeiro de 1944. Em todas as edições publicadas, o jornal informava que o conteúdo era exclusivo do Diário de S. Paulo, licenciado pela ‘*United Feature Syndicate*’, que possuía os direitos de publicação e tradução reservados em todo o mundo.

O acesso do presente trabalho à coluna do ‘Diário do Conde Ciano’, se deu por conta do trabalho de recorte e arquivo feitos por Benedito Pereira. Todos os conteúdos relacionados à coluna foram recortados das edições do Diário de S. Paulo e colados em um caderno de escola. Benedito não escreveu, nas colagens, a data em que o trabalho foi feito, e nenhum membro vivo da família soube precisar ou estimar quando o arquivo foi finalizado.

Abaixo, serão analisados quatro recortes diferentes do Diário, que revelam informações a respeito da Segunda Guerra Mundial sob o ponto de vista da família de Benedito Mussolini, em especial de seu genro, Conde Ciano, que no presente contexto atua como repórter, narrando acontecimentos sob um ponto de vista até então desconhecido por parte do público.

3.1 HITLER E MUSSOLINI SE ENCONTRAM NO PASSO DO BRENNER

Figura 1 – Hitler e Mussolini se encontram no Passo do Brenner

Fonte: Diário de S. Paulo (acervo pessoal)

O relato feito por Ciano neste capítulo do diário parece anteceder a entrada da Itália na Guerra. Um dos primeiros elementos que se destacam no texto e podem ser usados para ressaltar ao leitor a proximidade do repórter com o fato é o trecho entre parênteses dos acontecimentos de 22 de abril, que dizem que “(O marechal do Reich, Goering, ainda soluçava porque Ribbentrop tinha recebido o decorativo Colar de Anunziata, a mais alta condecoração da Itália)”. Pouco mais adiante, em 25 de abril, é interessante observar o tempo verbal em que a narrativa é feita. “(...) O Duce dá-lhe instruções. Ele repete sua fidelidade aos pactos, mas diz que entrará na guerra somente quando tenha uma ‘certeza quase matemática de vencê-la’”.

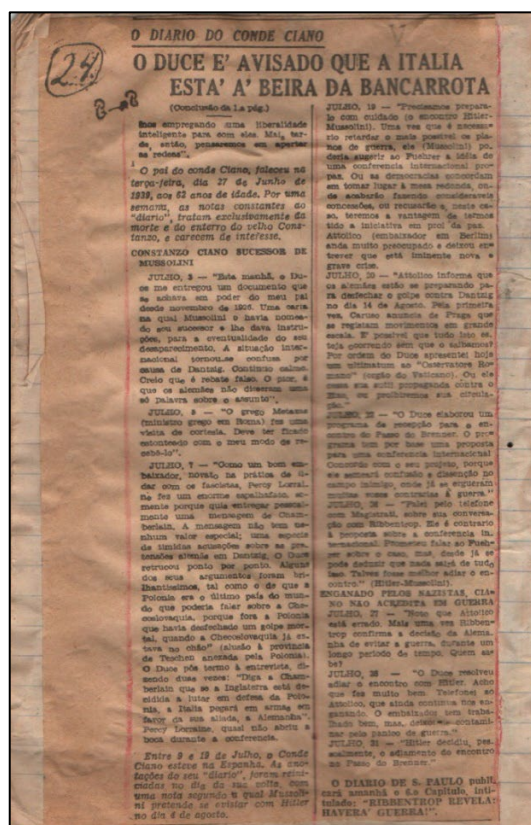
Observa-se que, entre o primeiro dia narrado no capítulo, que é o de 22 de abril, e o último dia, que é o dia 9 de maio, a tensão escalona propositalmente, conduzindo o leitor pelos dias e pelos acontecimentos que antecederam a entrada oficial da Itália na Guerra.

Ao final da publicação, em uma nota de rodapé, a edição anuncia: “O Diário de S. Paulo publicará amanhã o 13º Capítulo do ‘Diário do Conde Ciano’, intitulado ‘A ITÁLIA ENTRA NA GUERRA’”, criando assim um interesse

e uma expectativa no leitor de encontrar, na próxima edição, mais momentos cruciais que culminaram na Segunda Guerra Mundial, sob a perspectiva de dentro dos principais personagens do conflito.

3.2 O DULCE É AVISADO QUE A ITÁLIA ESTÁ Á BEIRA DA BANCARROTA

Figura 2 – O Dulce é avisado que a Itália está á beira da Bancarrota



Fonte: Diário de S. Paulo (acervo pessoal)

O capítulo em questão narra o momento em que morre o pai do Conde Ciano. Entre os principais destaques estão o uso de primeira pessoa e a inclusão de percepções pessoais do autor logo no início do capítulo, em 3 de julho, no trecho “(...) a situação internacional tornou-se confusa por causa de Dantzig. Continuo calmo. Creio que é rebate falso. O pior é que os alemães não disseram uma só palavra sobre o assunto.”

O episódio também insere, na narrativa construída por Ciano, informações posteriores à redação do diário. Em nota no pé da coluna, a edição do jornal informa ao leitor que *“entre 9 e 19 de Julho, o Conde Ciano esteve na Espanha. As anotações do seu ‘diário’ foram reiniciadas no dia de sua volta, com uma nota segundo a qual Mussolini pretende se avistar com Hitler no dia 4 de agosto.”*

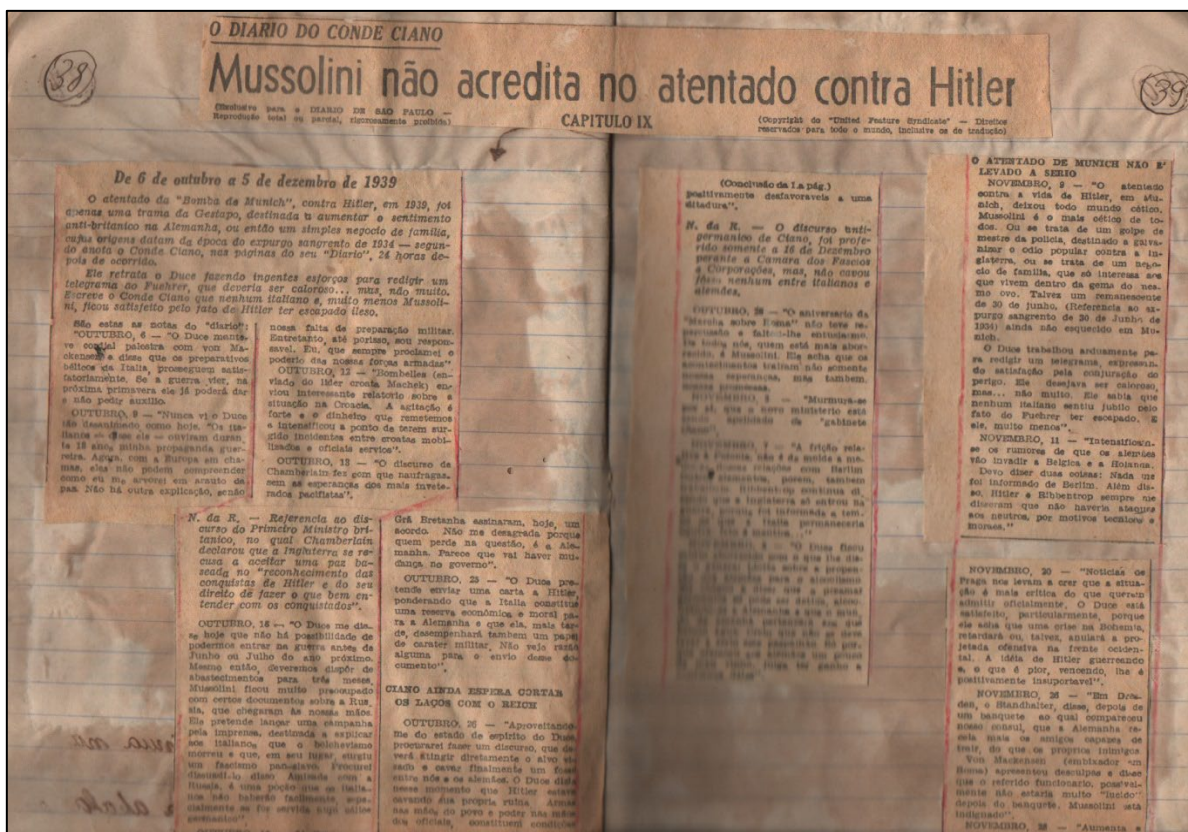
O uso de aspas na palavra ‘diário’ chama atenção, assim como o uso do discurso indireto para informar um acontecimento que, aparentemente, foi redigido pelo autor do restante da narrativa, abrindo espaço para diferentes interpretações a respeito do motivo das aspas.

Do ponto de vista jornalístico, pode ser considerado meramente um recurso de edição para evitar que informações consideradas irrelevantes tomassem o espaço do restante, em um contexto em que o número de caracteres e o espaço disponível no jornal eram vitais ao editar um conteúdo. Mas há de se ressaltar a abertura que o trecho dá para que diferentes leitores façam diferentes interpretações, alterando assim a maneira como interpretam também o final do capítulo, em que o autor deixa clara a desconfiança em relação aos alemães, no trecho de 27 de julho.

“27 de Julho – noto que Attolico está errado. Mais uma vez Ribbentrop confirma a decisão da Alemanha de evitar a guerra, durante um longo período de tempo. Quem sabe?”

3.3 MUSSOLINI NÃO ACREDITA NO ATENTADO CONTRA HITLER

Figura 3 – Mussolini não acredita no atentado contra Hitler



Fonte: Diário de S. Paulo (acervo pessoal)

O capítulo em questão se destaca por mostrar Benito Mussolini em um empenho envolvendo justamente questões linguísticas. Primeiramente, é importante ressaltar a diferença no uso do recurso da linha fina na edição do Diário de S. Paulo e nos veículos atuais. No texto aqui analisado, a linha fina é utilizada para inserir informações de contexto no qual o restante da narrativa se desenvolve. O empenho se caracteriza de forma explícita no trecho *“Ele retrata o Duce fazendo ingentes esforços para redigir um telegrama ao Führer, que deveria ser caloroso... mas, não muito. Escreve o Conde Ciano que nenhum italiano, e muito menos Mussolini, ficou satisfeito pelo fato de Hitler ter escapado ileso.”*

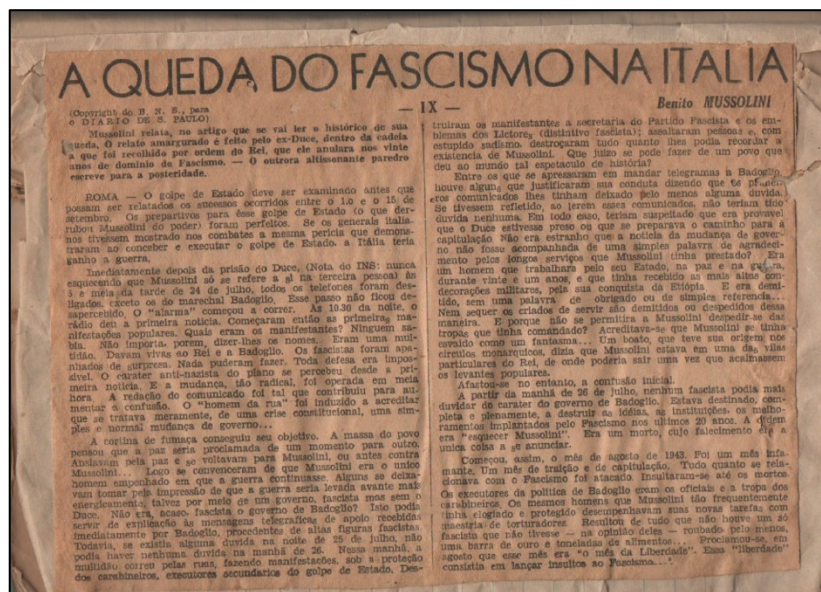
Outro destaque é a aparição de mais percepções pessoais do gênero de Mussolini a respeito da iminência da Segunda Guerra Mundial. Em 25 de Outubro, o Conde alega que *“O Duce pretende enviar uma carta a Hitler, ponderando que a Itália constitui uma reserva econômica e moral para a*

Alemanha e que ela, mais tarde, desempenhará também um papel de caráter militar. Não vejo razão nenhuma para o envio desse documento.”

O capítulo em questão, de forma geral, cria para o leitor um panorama dos bastidores da guerra que, até então e principalmente considerando as limitações tecnológicas da época, pareciam inalcançáveis para os espectadores do conflito, na mesma medida em que escancaram as condições políticas em que a Guerra teve início.

3.4 A QUEDA DO FASCISMO NA ITÁLIA

Figura 5 – A Queda do Fascismo na Itália



Fonte: Diário de S. Paulo (acervo pessoal)

O último conteúdo do Diário de S. Paulo analisado aborda o final da Segunda Guerra Mundial e traz o relato íntimo do genro do Duce a respeito da queda do regime fascista na Itália. Logo no início do texto, uma nota da redação esclarece que o relato apresentado foi redigido pessoalmente por Mussolini, “*que nunca esquecendo, só se refere a si na terceira pessoa*”.

Além do alerta para costumes linguísticos próprios do autor do texto, a nota da edição também busca inserir o leitor no momento da redação do texto através da narrativa detalhada do momento em que se deu a escrita do texto:

Imediatamente após a prisão do Duce (Nota do INS: nunca esquecendo que Mussolini só se refere a si mesmo em terceira pessoa) às 5 e meia da tarde de 24 de julho, todos os telefones foram desligados, exceto o do Marechal Badoglio. Esse passo não ficou despercebido. O “alarme” começou a correr. As 10.30 da noite, o rádio deu a primeira notícia. Começaram então as primeiras manifestações populares. Quem eram os manifestantes? Ninguém sabe. Não importa, porém, dizer-lhe os nomes. Eram uma multidão. Davam vivas ao Rei e a Badoglio. Os fascistas foram apanhados de surpresa. Nada puderam fazer. Toda defesa era impossível. O caráter anti-nazista do plano se percebeu desde a primeira notícia. E a mudança, tão radical, foi operada em meia hora. A redação do comunicado foi tal que contribuiu para aumentar a confusão. O “homem da rua” foi induzido a acreditar que se tratava meramente, de uma crise constitucional, uma simples e normal mudança de governo... A cortina de fumaça conseguiu seu objetivo. (DSP, ano desconhecido. Texto atribuído a Benito Mussolini, em 1943)

Além de carregar o leitor para dentro do momento em que se deu a queda do fascismo na Itália, o texto também possui capacidade de levar o leitor para dentro da mente de Mussolini.

Começou, assim, o mês de agosto de 1943. Foi um mês infante. Um mês de traição e capitulação. Tudo quanto se relacionava com o Fascismo foi atacado. Insultaram-se até os mortos. Os executores da política de Badoglio eram os oficiais e as tropas dos carabinieri. Os mesmos homens que Mussolini tão frequentemente tinha elogiado e protegido desempenhavam suas novas tarefas com maestria de torturadores. Resultou de tudo que não houve um só fascista que tivesse – na opinião deles – roubado pelo menos uma barra de ouro e toneladas de alimentos... Proclamou-se, em agosto, que esse mês era o ‘Mês da Liberdade’. Essa liberdade consistia em lançar insultos ao Fascismo... (DSP, ano desconhecido. Texto atribuído a Benito Mussolini, em 1943)

É importante salientar que não apenas o discurso mostra como se deu a prisão do Duce e os desdobramentos dela, mas também evidencia a percepção que Mussolini tinha de si mesmo e de seu governo naquele momento. O texto mostra que o Duce se enxergava como um líder injustiçado e traído pelo próprio povo, apesar da situação complicada em que, sabidamente, se encontrava o país dentro e fora do campo de batalha ao final da Segunda Guerra Mundial.

4 ENTREVISTA COM VALTER MENGELLE

A entrevista aqui transcrita foi realizada com o objetivo de entender a relação entre notícia e consumidor no tempo histórico em que acontecia a Segunda Guerra, e avaliar as influências individuais e históricas do sujeito no discurso.

“Valter Mengelle, nascido em Batatais em 23 de outubro de 1943.”

“Nós éramos nove irmãos. Meu pai era descendente de alemães, que vieram para o Brasil em 1890 bem crianças ainda. Ele conheceu minha mãe, que era de família italiana, e eles se casaram e foram morar em Pitangueiras, na ocasião. Meu pai trabalhava na Força e Luz e minha mãe era dona de casa. Já em Batatais, ela começou a fazer doces para fora. Geleias, essas coisas, e mandava meus irmãos venderem. Eles saíam para trabalhar e levavam, e assim a gente ia sobrevivendo. Quando meus irmãos já estavam adultos, resolveram montar uma farmácia própria, em 1954. E eu fui trabalhar com eles.”

“Eu era o caçula, a mais velha de todos nós era a Nice, teria hoje 99 anos. Depois vinha a Glorinha, a Lourdes, a Elsa, e depois vieram os homens. Luiz, Zé Mengelle, Vanderlei, o Dilson e eu. A gente era muito unido, eu tenho muita saudade daquele tempo, porque a relação entre todo mundo era muito boa. Hoje só sobrou eu.”

“Eu fui embora para Orlândia em 1958 e fiquei até 1964. Depois vim para Ribeirão, fui bancário por uns três anos, aí saí e voltei para a farmácia. Conheci sua avó nesse ano, em um baile de carnaval. E uma semana depois, mais ou menos, eu vim aqui. Ela morava na [Rua] Rio Branco, mas não estava em casa na hora. Mas comecei a conhecer a família toda, meu sogro, o pai dele também. Depois de quatro ou cinco anos namorando, resolvemos casar.”

“Quando acontecia alguma coisa, a gente ficava sabendo através do rádio, mas não era tudo. Na ocasião, por exemplo, em que Getúlio Vargas morreu, em 1952 ou 53, não me recordo agora, foi uma repercussão muito grande. Todo mundo só falava disso. Diziam que tinha se suicidado por conta de problemas com a oposição. Eu estava em Batatais, era menino ainda. Estava em casa com meu pai, minha mãe, alguns dos meus irmãos que não estavam trabalhando na hora.”

“Em Batatais tinha um jornal impresso, mas eu não me recordo o nome. Mas meu sobrinho trabalhou lá muito tempo, porque naquela época o jornal era através daquelas pecinhas que tinha que montar, e tal e coisa. Ele

trabalhou muito tempo nisso. Mas a gente não tinha muito costume de comprar jornal, não. Era difícil comprar e tinha pouca coisa de notícia.”

“A gente não sabia absolutamente nada sobre a Segunda Guerra na época. Eu evidentemente era muito pequeno, não lembro, mas as pessoas em casa comentavam muito pouca coisa. Era tudo muito sigiloso. A gente conhecia algumas pessoas que foram convocadas para a guerra. Alguns morreram, outros retornaram, mas era muito deficiente o sistema de informação. Tinha muito pouco. Na Copa de 1966, por exemplo, eu trabalhava em uma empresa que tinha aqui na [Rua] Garibaldi aos sábados. Ia lá aprender, e depois voltei para o banco. Naquela época a televisão era preta e branca e mal pegava, a visibilidade da televisão era muito ruim, era muito difícil.”

“Comecei a entender mais o que tinha acontecido depois da guerra, até por conta de um trote da sua mãe. Nosso nome estava em evidência e ela me ligou se passando por alguém que queria fazer uma entrevista. Me arrumei e tudo, mas não sabia de nada direito. Comecei a entender depois disso.”

“Fui para Orlândia em 1958. Até então, não se falava nada sobre isso. Depois que retornei para Ribeirão que a gente começou a saber alguma coisa a respeito. E aí eu achei uma barbaridade né, com relação àquela loucura. Hoje em dia passa todo dia na televisão coisa do holocausto. Dá mal estar, assim como por exemplo a guerra da Ucrânia, aquele desgraçado bombardeando prédios residenciais.”

“Hoje em dia eu não me sinto mais constrangido com o sobrenome. Agora não. Aliás há uma diferença muito grande entre nossos primos em relação à assinatura, e isso porque na ocasião, essa coisa de cartório não era igual hoje, eles sempre escreviam errado, então cada um assina de um jeito né. Mas não penso nisso mais. Penso que é família.”

“Antigamente a gente era menos informado porque era mais difícil se informar, salvo quando a coisa acontecia pertinho. Mas São Paulo, ih, não sabia nada não. Mas era mais confiável procurar informação naquela época. Sempre existiu mentira, mas naquele tempo também era muito menos. Hoje elas tomaram conta. Mas também sinto que sou mais bem informado hoje em dia. A informação está aí a toda hora, logo que acontece.”

“A Guerra da Ucrânia, veja bem, ano passado. Começou aquele ensaio tal e todo, a Rússia levando os canhões para todo lado, fazendo pressão. Eu estava vendo tudo, antigamente jamais saberia. Mas não tenho ideia do que eu estava fazendo na hora que a Guerra começou de fato. Não lembro não.”

“Eu acho que guardar a história faz parte da vida. Todo esse procedimento do caderno foi feito pelo Dito, ele era super politizado, guardava tudo. Toda e qualquer coisa que faz parte da história tem que guardar. O que passou, por exemplo, em termo de coisas absurdas que já aconteceram, precisam ser lembradas. É uma questão de conhecimento futuro.”

“Em 1950 tinha uma fábrica de tecido lá em Batatais, e sempre vinha um engenheiro que fazia alguma coisa lá. Não me contavam o que, eles sentavam na sala e a gente que era criança não podia participar, a gente era tocado. Esse engenheiro era alemão, e ele conversava em alemão com o meu pai. Alguns dos meus irmãos sabiam falar um pouco. Eu nunca soube.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: MÍDIAS E DISCURSOS SOBRE A GUERRA

O presente trabalho se propôs a analisar os efeitos da tecnologia na memória discursiva no contexto do jornalismo de guerra. A escolha dos conteúdos foi feita por um sujeito discursivo constituído e, seguindo os conceitos demonstrados pelo próprio trabalho, a escolha veio implícita de significados justamente por conta da constituição ideológica, social e histórica de quem a fez. Existem semelhanças entre narrativas contadas nos conteúdos a respeito da Segunda Guerra e outras narrativas que se passaram mais recentemente, que também podem implicar em camadas interpretativas mais profundas para alguns leitores.

Apesar de ter nascido, cronologicamente, em um período mais próximo à Segunda Guerra, as limitações tecnológicas dificultaram o acesso à informação de Valter, que só foi procurar entender o que tinha acontecido naquele período depois de adulto. Ainda, a construção de Valter faz com que ele se atente mais ao conteúdo a respeito da guerra. Esse ponto se evidencia na maneira como Valter é capaz de falar, em uma conversa corriqueira, a respeito do que chama de “ensaios da Guerra” que precederam o início do conflito na Ucrânia, em 2022, e foram acompanhados por ele na televisão, mas não demonstrou entender muito sobre o desenvolvimento do conflito em si.

Analisando o contexto histórico em que o entrevistado buscara informações a respeito da Segunda Guerra Mundial, é possível depreender que a tecnologia influenciou diretamente a capacidade de informar-se.

Antigamente a gente era menos informado porque era mais difícil se informar, salvo quando a coisa acontecia pertinho. Mas São Paulo, ih, não sabia nada não. Mas era mais confiável procurar informação naquela época. Sempre existiu mentira, mas naquele tempo também era muito menos. Hoje elas tomaram conta. Mas também sinto que sou mais bem informado hoje em dia. A informação está aí a toda hora, logo que acontece (Trecho de entrevista de Valter Mengelle)

O último ponto de destaque levantado nos resultados diz respeito à diferenciação entre estar bem informado e confiar na informação disponível. Valter alega que sentia mais confiança antigamente. Este fato pode ser atribuído ao processo de busca e ao caminho percorrido até a obtenção de conteúdos informativos, mas também ao fato de que, em um universo com menos informações, a gama de notícias falsas disponíveis também será menor.

Com o continuado advento e aprimoramento de tecnologias de informação e comunicação, os impactos neste universo estão começando a aparecer e ainda precisarão de muitos anos para serem avaliados de forma mais concreta e em maior escala. O presente estudo reconhece que a amostra pela qual os resultados foram obtidos é pequena para que sejam considerados conclusivos, razão que evidencia a necessidade de se explorar o tema com mais profundidade e amplitude.

REFERÊNCIAS

ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ALLAN, Stuart; ZELIZER, Barbie. **Reporting war: Journalism in wartime**. Abigdon: Routledge, 2004.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Tradução Walter José Evangelista, Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BARREIRA, C. R. A. & RANIERI, L. P. Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. Em: M. Mahfoud, M. Massimi (Org.). **Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa**. Belo Horizonte: Artesã, p. 449-466, 2013.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, S. R: Editora da UN1CAMP, 1996.

CARVALHO, Élvio da Silva. **Jornalismo de Guerra: O caso da Imprensa Portuguesa**. 2013. 117 f. Tese (Mestrado em Jornalismo) - Instituto Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã. 2013.

CHAPPLE, C. **TikTok crosses 2 billion downloads after best quarter for any app ever**.

Sensor Tower, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://sensortower.com/blog/tiktokdownloads-2-billion>

CHARAUDEAU, P. 2006. Discurso Político. São Paulo: Contexto.

ECO, U. **El signo**. Barcelona: Letra E, 1988.

GARVIN, Paul. **A Prague School Reader on Esthetics, Literary Structure and Style**. Washington D.C., 1964.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A análise do discurso: conceito e aplicações**. Alfa, São Paulo, n. 39, p. 13-21, 1995.

GRIGOLETTO, E. A. Noção de Sujeito em Pêcheux: uma Reflexão acerca do Movimento de Desidentificação. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 61-67, jun 2005.

HAYASHI, R. K. S. Memória e (res)sentimento: instantes do massacre da Coréia do Sul. **Revell - Revista de Estudos Literários da Uems**, 2(29), 2021, p. 165–189.

LEAVER, T., HIGHFIELD, T.; ABIDIN, C. Instagram: **Visual Social Media Cultures**. Cambridge: Polity Press. Li, J. 2020.

MUTTI, R. M. V. Memória no discurso pedagógico. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 265-76.

_____. O primado do outro sobre o mesmo... In I SEAD - Seminário de estudos em Análise do Discurso UFRGS, 2003, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/ReginaMariaVariniMutti.pdf>.

NARZETTI, C. N. **A formação do projeto teórico de Michel Pêcheux**: de uma teoria geral das ideologias à Análise do Discurso. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara, 2008.

NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal**: prelúdio para uma filosofia do futuro. Tradução Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. Do sujeito na história e no simbólico. **Escritos**, Campinas, n. 4, p. 17-27, maio 1999.

_____. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. [S. l.]: Pontes, 2005. 100 p.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005a.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pecheux. Tradução Bethania

Mariani, *et al.* Organizadores Francaise Gadet, Tony Hak. Campinas: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (Org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

_____. Le discours: structure ou événement? **L'Inquiétude du Discours**; textes de Michel Pêcheux, 1990.

_____. Analyse du discours: trois époques (1983). **L' Inquiétude du Discours**; textes de Michel Pêcheux, 1990.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: **Por uma análise automática do discurso**; uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Jonas de Araújo Romualdo. Organizadores Francaise Gadet, Tony Hak. Campinas: Unicamp, 1993.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2008.

RODRIGUES, I. C. Paráfrase e polissemia: os sentidos possíveis da palavra “sistema” no discurso das cotas de acesso à universidade pública. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagem, usos e ensino**, n. 43, p. 119-136, 2011.

TEIXEIRA, Carla D. dos Santos. Do Papel do Jornal às Ondas do Rádio: O Diário de S. Paulo e o Desenvolvimento da Radiodifusão no Brasil, 1931-1937. **XVI Encontro Regional da História**: Anpuh-Rio, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400527937_ARQ_UIVO_TextoAnpuhRJ.pdf

TIKTOK is suppressing LGBT content in Eastern Europe and the Middle East. Quartz, 8 set. 2020. Disponível em <https://qz.com/1900530/tiktok-shadow-bans-lgbt-hashtags-in-russian-and-arabic/> last.

- - - - -